

O ARRAZOADO POR AUTORIDADE E A MODALIZAÇÃO DISCURSIVA NO GÊNERO PROJETO DE PESQUISA DE TCC: ESTRATÉGIAS DE ARGUMENTAÇÃO

Erivaldo Pereira do Nascimento¹
Aleise Guimarães Carvalho²

RESUMO: Considerando que a argumentatividade é inerente à língua e, conseqüentemente, ao discurso, este artigo apresenta os resultados de uma investigação cujo objetivo principal foi descrever e analisar o arrazoado por autoridade, uma das formas de polifonia de locutores, e os modalizadores discursivos funcionando como estratégias argumentativas no gênero Projeto de Pesquisa de TCC. A análise do arrazoado por autoridade e da modalização no gênero em questão se deu não somente pela recorrência dessas estratégias, mas também porque se observou como esses dois fenômenos ocorrem, concomitantemente, a partir das citações, em estilo direto e indireto, indicando argumentatividade nos enunciados. Trata-se de um estudo de caráter descritivo e interpretativista, cujo *corpus* foi constituído por dezesseis (16) Projetos de Pesquisa de TCC: oito (8) do curso de Licenciatura em Letras e os outros oito (8) do curso Bacharelado em Secretariado Executivo Bilíngue. Como pressupostos teóricos, utilizamos os postulados de Ducrot (1987; 1988); Koch (2002; 2011), Nascimento e Silva (2012); Castilho e Castilho (2002); Bakhtin (2010[1992]), dentre outros. A análise realizada comprovou que o gênero Projeto de Pesquisa de TCC é polifônico, por natureza, e demonstrou, entre outras coisas, que não há diferença de comprometimento do locutor responsável pelo texto (L1) em relação ao discurso apresentado em estilo direto ou indireto, sob a forma de arrazoado por autoridade, no gênero investigado. Além disso, os arrazoados por autoridade aparecem em concomitância com três diferentes tipos de modalizadores: asseverativos; quase-asseverativos; avaliativos, com os quais L1 se posta de maneira diferente perante o discurso dos outros locutores.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero Projeto de Pesquisa; Estratégias Argumentativas; Arrazoado por Autoridade; Modalização.

ABSTRACT: Considering that the argumentation is inherent to the language and, consequently, to the discourse, this paper presents the results of a research that aims to describe and analyze the argument by authority, one of the forms of polyphony of speakers, and the discursive modal verbs functioning as argumentative strategies in the Research Project of *TCC* genre. The analysis of argument by authority and the modalization in the referred genre occurs not only by the recurrence of these strategies, but also because we aim to observe how these two phenomena occur, concurrently, from the citations, in direct and indirect speech, introducing argumentation at the statements. This is a descriptive and interpretativist study, which *corpus* is constituted by sixteen (16) Research Projects of *TCC*: eight (8) from the Course of *Licenciatura em Letras* and the other eight (8) from the Bachelor Course of *Secretariado Executivo Bilíngue*. As

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pós-doutorado na *Universidad de Buenos Aires* com bolsa pela Capes. Professor Associado da UFPB.

² Mestre em Linguística. Professora da Educação Básica na Rede Pública de Ensino do Estado da Paraíba. Professora do curso Letras Virtual UFPB.

theoretical approach we use the postulations of Ducrot (1987; 1988); Koch (2002; 2011), Nascimento & Silva (2012), Cervoni (1989) and Castilho & Castilho (1993); Bakhtin (2010), among others. The analysis proves that the Research Project of *TCC* is a polyphonic genre by nature and it also shows that there is no difference in the speaker's commitment responsible for the text (L1) in relation to the discourse presented on direct and indirect speech, in the form of argument by authority. Furthermore, the arguments by authority appear in concomitance with three different types of modal verbs: asseveratives; almost-asseveratives; evaluatives, with which L1 places in different way before the discourse of other speakers.

KEY-WORDS: Research Project Genre; Argumentative Strategies; Argument by Authority; Modalization.

1. Introdução

O gênero Projeto de Pesquisa é uma das produções acadêmicas exigidas aos alunos em alguns cursos de graduação. Neste gênero acadêmico, geralmente, o graduando utiliza mecanismos argumentativos capazes de persuadir o leitor de que sua proposta é relevante em determinado aspecto. De modo geral, a escolha e utilização de alguns componentes linguísticos para a escrita de textos revela o nível de comprometimento do locutor responsável pelo discurso com o seu próprio texto, como também revela o engajamento desse locutor em relação aos outros dizeres inseridos neste texto (outros locutores citados).

Diante disso, este estudo analisou a presença de duas estratégias argumentativas, o arrazoado por autoridade, um dos tipos de polifonia de locutores, e a modalização discursivas, como marcas de argumentatividade no referido gênero. Nesse sentido, a investigação aqui relatada teve como objetivo principal descrever e analisar o arrazoado por autoridade e os modalizadores discursivos funcionando como estratégias argumentativas no gênero Projeto de Pesquisa de TCC. Além disso, objetivou-se verificar como se posiciona o locutor responsável pelo discurso com relação ao relato de outros locutores (especificamente os arrazoados por autoridade), através do uso de modalizadores discursivos.

Para tanto, esta pesquisa teve por caráter metodológico a descrição interpretativista, uma vez que descrevemos e analisamos o arrazoado por autoridade em conjunto com a modalização discursiva no gênero acadêmico Projeto de Pesquisa de TCC. Como método de pesquisa adotamos o aspecto qualitativo, uma vez que verificamos, a partir das citações em estilo direto e indireto, as duas estratégias semântico-argumentativas referidas.

O nosso *corpus* de investigação foi composto por 16 (dezesseis) Projetos de Pesquisa de TCC de dois cursos distintos: 08 (oito) do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Campina Grande e 08 (oito) do curso de Bacharelado em Secretariado Executivo Bilíngue da Universidade Federal da Paraíba, campus IV. No entanto, neste artigo, apresentamos apenas 05 (cinco) trechos descritos e analisados, os quais representam as principais estratégias semântico-argumentativas da modalização e da polifonia de locutores (arrazoado por autoridade) presentes no *corpus*.

Inicialmente, abordamos uma breve discussão teórica sobre a concepção de gêneros discursivos proposta por Bakhtin (2010 [1992]), uma vez que tomamos o Projeto de Pesquisa como um gênero, a partir dessa concepção.

Em seguida, apresentamos os princípios da Teoria Polifônica da Enunciação, a partir de Ducrot e colaboradores (1994; 1987; 1988), com foco no fenômeno da polifonia de locutores. Apresentamos, ainda, os estudos sobre a modalização discursiva, utilizando as contribuições de diferentes estudiosos, tais como Castilho e Castilho (2002); Koch (2002), Nascimento (2009), Nascimento e Silva (2012), entre outros.

Na penúltima parte deste artigo, são demonstrados trechos coletados do *corpus*, com sua respectiva descrição e análise. Por fim, apresentamos, nas considerações finais, os principais resultados obtidos a partir da análise do *corpus*.

Assinalamos, ainda, que este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa em nível de mestrado, realizado no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e filiada ao projeto Estudos Semânticos Argumentativos de Gêneros do Discurso (ESAGD).

2. O gênero acadêmico Projeto de Pesquisa sob o olhar bakhtiniano

Todos os enunciados construídos estão moldados em gêneros discursivos. A partir e através dos diferentes gêneros nos comunicamos e interagimos socialmente. A esse respeito, Bakhtin (2010 [1992]) afirma que todos os nossos enunciados são estruturados e construídos a partir de gêneros, nós os utilizamos de maneira natural, sem suspeitar da sua existência.

Na interação comunicativa nós utilizamos determinado gênero a partir de uma escolha/seleção e esta não é feita de maneira aleatória. Seleccionamo-lo para ser utilizado a partir da nossa necessidade discursiva, ou seja, com determinada finalidade. “A vontade discursiva costuma limitar-se à escolha de um determinado gênero” (BAKHTIN, 2010, p. 284).

Alguns gêneros possuem características estruturais que facilmente sinalizam a espécie de texto que são e, por essa razão, tendemos a reconhecer os gêneros por essas características. Bakhtin (2010 [1992]) apresenta três critérios para definir e identificar gêneros discursivos, critérios estes que vão além de apenas reconhecer os elementos característicos estruturais, a saber: *conteúdo temático*, *estilo*, e *construção composicional*.

De acordo com Bakhtin (2010 [1992], p. 281), o *conteúdo temático* está relacionado à “exauribilidade do objeto e do sentido”, ou seja, o assunto que será abordado em determinado gênero. O segundo critério apresentado por Bakhtin é o *estilo verbal*, que afirma ser o “projeto de discurso ou vontade do falante”. Considera-se, neste critério, a escolha do léxico, os critérios gramaticais, a linguagem utilizada, a maneira de dizer em conformidade com o querer-dizer do locutor, ou seja, a entonação expressiva. O terceiro e último critério é a *construção composicional* que ele afirma serem *as formas típicas*

composicionais e de gênero do acabamento. Segundo o autor, estas são formas estáveis, padronizadas socialmente, a fim de legitimarem os enunciados.

Diez e Horn (2004) considera que o *projeto de pesquisa* é uma espécie de carta de intenção de uma proposta que se pretende estudar e se configura como o planejamento da pesquisa. Costa (2009, p.170) conceitua o gênero *projeto de pesquisa* científica como sendo um “trabalho em que se desenvolve uma proposta teórica sobre determinado tema ou assunto e, para tal, seguem-se algumas etapas e, finalmente, vêm sua elaboração e formulação”.

Em relação ao *conteúdo temático* do *projeto de pesquisa*, alguns tópicos ou conteúdos costumam aparecer neste gênero. Também é perceptível que cada parte deste gênero apresenta um determinado tipo de conteúdo. Na introdução, o conteúdo abordado será a descrição do objeto de estudo, apresentando o assunto que será posto na pesquisa. Na justificativa é apresentada a argumentação sobre a relevância do estudo proposto. Os objetivos manifestam-se como norteadores da pesquisa, ou seja, sobre o que se deseja, sendo dois os tipos de objetivos: o geral (o que se espera conseguir com a realização da pesquisa) e os específicos (esclarecem o objetivo geral, manifestando as etapas previstas para completar a finalidade desejada). A pesquisa de fonte deve conter uma breve revisão bibliográfica baseada nos principais autores da teoria escolhida abordando o que estes discutem sobre o tema. A metodologia descreve os procedimentos adotados para o desenvolvimento do estudo (DIEZ e HORN, 2004). Todas estas etapas apresentam o conteúdo específico e adequadamente escolhido para este gênero, sempre abordado de maneira breve e não de forma exaustiva.

Com relação ao *estilo verbal*, de acordo com os manuais de redação científica de diferentes autores, entre os quais Gil (2002); Lakatos (1999); Diez (2004); Severino (2007); Motta-Roth e Rabuske (2010), este deve atender ao padrão culto de linguagem, contendo os termos específicos da área a respeito da qual o estudo estará focado. Assim sendo, o *projeto de pesquisa* apresenta o *estilo verbal* de linguagem padrão acadêmico-científica, na qual são utilizados termos específicos da área contemplada por determinado gênero.

O terceiro critério discursivo apresentado por Bakhtin é a *construção composicional*. Nesta, o *projeto de pesquisa* se apresenta em três blocos: o bloco dos elementos pré-textuais (1º Capa; 2º Folha de rosto; 3º Termo de aprovação; 4º Sumário); o bloco dos elementos textuais (à introdução, justificativa, objetivos, metodologia, revisão da literatura); e o bloco dos elementos pós-textuais (cronograma e as referências bibliográficas) (MOTTA-ROTH e RABUSKE, 2010).

Diante da exposição dos três critérios bakhtinianos relacionados ao gênero em estudo, percebemos que facilmente conseguiremos distinguir este de qualquer outro gênero acadêmico. Motta-Roth e Rabuske (2010, p. 52) afirmam que reconhecemos o *projeto de pesquisa* assim como reconhecemos a resenha acadêmica ou o artigo científico, isto por causa dos três critérios caracterizadores deste gênero: a) “o conteúdo de referência ao campo da ciência”; b) “o tom formal da linguagem, geralmente contendo termos

técnicos e/ou abstratos e suas definições”; c) “estrutura do texto, geralmente organizado em partes que compõem a proposta de pesquisa”.

3. Teoria Polifônica da Enunciação e os Modalizadores Discursivos

Ducrot trabalha com o conceito de polifonia afirmando que o sentido de um enunciado pode estar relacionado a um ou a mais sujeitos. O termo *polifonia* emergiu no contexto de estudos relacionados à música e, analogicamente, foi utilizado por Bakhtin ao analisar textos literários. A partir desta análise, o teórico russo reconheceu diversas vozes que se expressam ao mesmo tempo em um mesmo texto.

A partir dos estudos bakhtinianos no âmbito da literatura, Ducrot (1987, 1988) traz a noção de polifonia para os estudos linguísticos. Os estudos da polifonia enunciativa proposta por Ducrot (1988, p. 16) têm por objetivo mostrar que “en un mismo enunciado hay presente varios sujetos con status linguísticos diferentes³” e, desta maneira, determinado sujeito (que fala) não se expressa diretamente, mas põe em cena algumas vozes que falam dentro do mesmo enunciado.

O autor elenca três conceitos para que se torne possível compreender os sujeitos constituintes na Teoria Polifônica da Enunciação, a saber: *sujeito empírico* (SE); *locutor* (L); *enunciador* (E). O *sujeito empírico* é aquele que produz o enunciado, ou seja, é o sujeito que faz nascer o texto em si: “SE es el autor efectivo, el productor del enunciado⁴” (DUCROT, 1988, p. 16.).

O *locutor* é apresentado como aquela pessoa a quem se atribui a responsabilidade pelo enunciado. “Por definição, entendo por locutor um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado” (DUCROT, 1987, p. 182, *grifos do autor*). Ducrot (*idem*) ainda conceitua o locutor de um enunciado afirmando que é a ele que se referem às marcas de primeira pessoa, e, em algumas situações, as marcas tempo-espaciais (*aqui* e *agora*) lhe são também atribuídas.

Com relação à distinção entre o locutor e o produtor do enunciado, o estudioso (DUCROT, 1987) apresenta um exemplo, a partir de uma suposição, da seguinte forma: o filho leva da escola para casa um abaixo-assinado em que estão escritas todas as informações e que somente apresente o espaço em branco para a assinatura do pai. Ducrot afirma que é óbvio que o pai do aluno não é o produtor do texto, ou seja, o *sujeito empírico* não é o pai e não é possível identificar quem o seja, uma vez que há determinadas pessoas que poderiam ter produzido o texto. Mas, no instante em que o pai assina o texto, ele se torna o *locutor* daquele enunciado, pois quem assina é quem se responsabilizará, e essa assinatura indicará que esta responsabilidade foi assumida por ele.

Com relação aos *enunciadores*, o autor (1988, p. 20) classifica-os como sendo os diferentes pontos de vista que se apresentam em determinado enunciado, “no son personas

³ [...] em um mesmo enunciado, estão presentes vários sujeitos com status linguísticos diferentes. (Tradução nossa).

⁴ [...] SE é o autor efetivo, o produtor do enunciado. (Tradução nossa).

sino “pontos de perspectiva” abstractos⁵”. Além do mais, o próprio Ducrot afirma que o locutor mesmo pode ser identificado com alguns destes enunciadores, mas, na maioria dos casos, apresenta-os guardando uma certa distância com relação a eles.

Prosseguindo com esse estudo, constatamos que Ducrot diferencia dois tipos de polifonia, por considerar que existem várias formas polifônicas que podem ser agrupadas em dois grandes grupos: o grupo da *polifonia de locutores* e o de *polifonia de enunciadores*. Sobre a posição do locutor em relação aos enunciadores, não trataremos aqui com profundidade, uma vez que nosso foco de análise, para esta pesquisa, foi a polifonia de locutores, mais especificamente ao *argumento por autoridade*, e não a polifonia de enunciadores.

3.1 Polifonia de locutores: argumento por autoridade

No grupo da *polifonia de locutores*, Ducrot apresenta a *argumentação por autoridade* como uma estratégia polifônica. O estudioso afirma que esse é um “mecanismo argumentativo frequentemente observado no discurso”, mas que para que seja um argumento por autoridade, é preciso o cumprimento de duas condições: 1^a) que P já tenha sido, é, ou poderia ser, objeto de uma asserção; 2^a) “apresenta-se este fato como se valorizasse a proposição P, como se a reforçasse, como se lhe ajustasse um peso particular” (DUCROT, 1987, p. 140).

Conforme o autor (*op. cit.*), existem dois tipos de argumento por autoridade que é denominado de *autoridade polifônica* e o outro de *arrozoadado por autoridade*. O segundo é tratado pelo teórico como pertencente ao grupo da polifonia de locutores e, portanto, trataremos neste artigo. Já o primeiro - *autoridade polifônica* - pertence ao grupo da polifonia de enunciadores, então, deixaremos para discuti-lo em pesquisas posteriores.

Ducrot (1987) inicia a explicação de *arrozoadado por autoridade*, afirmando que este consiste em duas etapas: a) L1, o locutor responsável pelo discurso, apresenta outro locutor, L2, identificando-se com ele; b) L1 certifica-se de que L2 é autoridade para seu discurso e, portanto, L2 apresenta-se como prova do que L1 está asseverando.

Consideremos o exemplo abaixo:

Exemplo 01:

Conforme a comissão de estudos da seca, está acontecendo no nordeste a segunda maior seca de todos os tempos.

Neste enunciado, L1, responsável por todo o enunciado e pela informação nela asseverada, insere o discurso de L2, a comissão de estudos da seca, portanto, uma autoridade no assunto, trazendo o posicionamento de que está ocorrendo no Nordeste a segunda maior seca de todos os tempos.

⁵ [...] não são pessoas, mas “pontos de vista” abstratos. (Tradução nossa).

Tratando a respeito deste conteúdo, Nascimento (2009, p. 30) afirma que o fato de Ducrot considerar o “*arrozado por autoridade* como uma polifonia de locutores, demonstra como um locutor L1 traz o discurso de outro locutor L2 para que esse sirva de argumento às suas intenções, ou seja, o discurso de L2 traduz o ponto de vista de L1”. Para tanto, é necessário que L2 seja uma autoridade competente para proferir tal discurso. Abaixo, um trecho do nosso *corpus* que nos permite verificar esse fato:

Exemplo 02 (A3⁶):

Sobre esse tipo de pesquisa, Severino (2007, p. 123) ***afirma*** que:

Na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados sem intervenção e manuseio (*surveys*), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos.

No exemplo 02, observa-se que L1 apresenta o discurso de L2 a fim de que este discurso sirva como fundamento com relação ao assunto abordado por L1, qual seja a escolha de um determinado tipo de investigação que o primeiro locutor irá adotar em seu trabalho. Assim, L2 é uma autoridade que L1 utiliza em seu discurso, ou seja, uma autoridade competente que o primeiro locutor utiliza para fundamentar e proferir o seu discurso.

3.2 Modalização discursiva

Tratando a respeito da modalização, a partir de estudos sobre os advérbios, Castilho e Castilho (2002) afirmam que os modalizadores sempre revelam a atitude do falante frente ao enunciado que produz.

Ao tratar desse fenômeno, Koch (2011) afirma que, no discurso, a relação entre enunciados é projetada a partir de relações de modalidade⁷ e é neste sentido que a autora considera a modalidade como parte da atividade ilocucionária, uma vez que revela a atitude do falante frente ao enunciado que produz.

Nascimento e Silva (2012), ao estudarem a modalização como estratégia semântico-argumentativa e pragmática, agrupam os elementos modalizadores em quatro grupos distintos, a saber: Modalizadores Epistêmicos; Modalizadores Deônticos; Modalizadores Avaliativos; e Modalizadores Delimitadores.

⁶ A codificação A3 corresponde à catalogação realizada no *corpus*, identificando a área (A: Letras; B: Secretariado Executivo Bilíngue) e o texto (1, 2, 3 etc.) a que cada um dos trechos descritos e analisados.

⁷ Os termos modalidade e modalização têm sido usados, nos estudos linguísticos, ora como sinônimos, ora como termos distintos. No entanto, estão sempre relacionados à expressão da avaliação do falante por parte do conteúdo do enunciado (ou da proposição) ou da própria enunciação. Como não é nosso objetivo aprofundar questões terminológicas, neste artigo, tomaremos um termo por outro, assim como fazem Castilho e Castilho (2002) e Nascimento e Silva (2012).

Conforme Nascimento e Silva (*op. cit.*), a modalização epistêmica, relacionada ao conhecimento ou à certeza, se divide em três tipos: em asseverativa; quaseasseverativa e habilitativa. A modalização asseverativa ocorre quando o falante considera verdadeiro ou certo o conteúdo do enunciado e se responsabiliza pelo dito. Além disso, os estudiosos (2012, p. 81) afirmam que nas epistêmicas asseverativas, por apresentar o conteúdo como algo certo, “o locutor imprime o modo como deseja que o interlocutor leia esse enunciado”, funcionando, assim, como uma estratégia argumentativo-pragmática no discurso.

Diferentemente da epistêmica asseverativa, na quase-asseverativa, segundo os autores (*idem*, p. 82), “o locutor responsável pelo enunciado não se compromete com o conteúdo do enunciado, ou seja, ele não pode ser responsabilizado pelo dito, uma vez que o apresenta como uma possível verdade, para seu interlocutor.

O terceiro e último tipo de modalizador epistêmico apresentado por Nascimento e Silva (2012) é a *habilitativa*. Para os autores (*ibidem*), essa “ocorre quando o falante expressa que algo ou alguém tem a capacidade de realizar algo e assim o faz porque tem conhecimento a esse respeito”.

Retomando o texto de Castilho e Castilho (2002), os autores tratam dos modalizadores deônticos como sendo aqueles que “indicam que o falante considera o conteúdo de P como um estado de coisas que deve, precisa ocorrer obrigatoriamente” (*op. cit.*, p. 208). Como exemplo de modalizadores deônticos estes autores citam os seguintes advérbios: *obrigatoriamente*, *necessariamente*.

Nascimento e Silva (2012, p. 84), por sua vez, consideram a modalização deôntica como “aquela que expressa obrigatoriedade, permissão, proibição ou desejo” e a classificam em: Deôntica de obrigatoriedade; Deôntica de proibição; Deôntica de possibilidade; e Deôntica volitiva.

No que se refere à modalização avaliativa, Nascimento e Silva (2012, p. 88) a definem como “aquela em que um locutor expressa um juízo de valor a respeito do conteúdo do enunciado, excetuando-o qualquer avaliação de caráter deôntico ou epistêmico”. Os autores (*idem*) citam Koch (2002), que utiliza o termo “modo axiológico” e considera que alguns termos modalizadores indicam juízo de valor, porém, Nascimento e Silva (2012) ressaltam que é possível perceber o conteúdo avaliativo do locutor ou falante em todas as proposições indicadas por Koch. Para os autores (*idem*), diante dessa avaliação é que se pode considerar o juízo de valor e, por isso, eles preferem denominar modalização avaliativa ao invés de modo axiológico.

Os autores (2012) ainda apresentam a modalização Delimitadora, afirmando que esta atua como um guia que conduz o interlocutor a determinada interpretação, limitando a compreensão do conteúdo do enunciado. Assim, a partir do uso de um delimitador, o interlocutor compreenderá a proposição de acordo com o que foi pretendido pelo locutor, ou seja, a partir da intenção do locutor diante de seu próprio interesse discursivo.

Após expor os quatro tipos de Modalizadores, os autores (2012) apresentam um quadro bastante didático o qual possibilita a sumarização dos tipos de modalização. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 1: Tipos e subtipos de modalização.

Tipo de Modalização	Subtipos	Efeito de sentido no enunciado ou enunciação	Modalizadores
Epistêmica – expressa avaliação sobre o caráter de verdade ou conhecimento	Asseverativa	Apresenta o conteúdo como algo certo ou verdadeiro	É certo que Afirma Constatou
	Quase-asseverativa	Apresenta o conteúdo como algo quase certo ou verdadeiro	É possível que Provavelmente Propõe Aponta
	Habilitativa	Expressa a capacidade de algo ou alguém realizar o conteúdo do enunciado	É capaz de Pode
Deontica – expressa avaliação sobre o caráter facultativo, proibitivo, volitivo ou de obrigatoriedade	De obrigatoriedade	Apresenta o conteúdo como algo obrigatório e que precisa acontecer	É obrigatório que
	De proibição	Expressa o conteúdo como algo proibido, que não pode acontecer	É proibido que Não pode
	De possibilidade	Expressa o conteúdo como algo facultativo ou dá a permissão para que algo aconteça	É permitido que Pode
	Volitiva	Expressa um desejo ou vontade de que algo ocorra	Eu gostaria que Requer
Avaliativa – expressa avaliação ou ponto de vista		Expressa uma avaliação ou ponto de vista sobre o conteúdo, excetuando-se qualquer caráter deontico ou epistêmico	Lamentavelmente Destaca
Delimitadora		Determina os limites sobre os quais se deve considerar o conteúdo do enunciado	Teoricamente Especificamente

Adaptado de NASCIMENTO; SILVA, 2012, p. 93

Salientamos que nossa pesquisa versará filiada aos pressupostos apresentados por Nascimento (2009), como também por Nascimento e Silva (2012) com relação à modalização, contribuições essas aqui já discutidas.

4. Procedimentos metodológicos da pesquisa e análise dos dados

Para esta pesquisa a proposta metodológica utilizada foi de natureza descritiva e intepretativista, uma vez que descrevemos e analisamos o funcionamento de dois fenômenos semântico-argumentativas no gênero discursivo acadêmico Projeto de Pesquisa, o arraoadado por autoridade (como estratégia polifônica), uma das formas de polifonia de locutores, e os modalizadores discursivos. Assim, o método de pesquisa utilizado foi o qualitativo, pois nos valem de uma análise de cunho interpretativista que verificou, a partir das citações diretas e indiretas, o funcionamento linguístico-discursivo das estratégias em análise.

O *corpus* coletado para este trabalho foi constituído de dezesseis (16) Projetos de Pesquisa, coletados de maneira aleatória em dois cursos de graduação de duas Universidades Federais no Estado da Paraíba. Oito (8) Projetos de Pesquisa são de alunos do curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e os outros oito (8) Projetos de Pesquisa são de alunos do curso de Bacharelado em Secretariado Executivo Bilíngue, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB-Campus IV). Todos os dezesseis (16) Projetos de Pesquisa pertencem ao primeiro semestre do ano de 2013 e foram elaborados nas disciplinas de “Pesquisa Aplicada”, dos respectivos cursos.

Em todos os Projetos de Pesquisa investigados, observamos termos modalizadores operando em concomitância com o arrazoado por autoridade, uma das formas da polifonia de locutores. Também verificamos outros tipos de estratégias argumentativas presentes no gênero em análise, porém, detivemo-nos apenas nos casos de polifonia de locutores (arrazoado por autoridade) introduzida por termos modalizadores, em razão de sua recorrência no *corpus*.

A partir da análise realizada, verificamos que, no gênero acadêmico Projeto de Pesquisa, em todos os casos em que L1 faz uso da polifonia de locutores, ele assim o faz com a pretensão de fundamentar o seu discurso, utilizando, portanto, o arrazoado por autoridade em todas as citações. Além de se comprometer com o discurso de outros locutores, L1 também o avalia apresentando seu posicionamento em relação ao discurso dos outros locutores a partir de termos modalizadores. No instante em que L1 apresenta a voz de outro locutor, ele a introduz de determinada maneira que nos permite compreender qual a avaliação de L1 diante do enunciado de L2. Essa avaliação é revelada a partir dos termos modalizadores (verbos *dicendi* modalizadores ou equivalentes) os quais introduzem o arrazoado por autoridade. A análise dos Projetos de Pesquisa a seguir demonstra esse fenômeno:

Trecho 01 (A2):

A respeito dessas transformações, Marcuschi (2012, p. 36) **afirma** que há dois momentos significativos no contexto sócio-histórico do LD “o marco inicial está diretamente relacionado à época em que os livros de uso no espaço escolar começam a ser nomeados como *livros didáticos* (...)” e o segundo marco provém da preocupação de se “compreender o momento atual vivenciado pelas coleções didáticas no contexto social brasileiro”, pois a concepção de língua no LDPB sofreu alterações no transcorrer das últimas oito décadas.

No trecho 01, percebemos a presença de dois locutores distintos: L1, locutor responsável pelo texto; L2 (Marcuschi), que L1 introduz em seu discurso. Mais especificamente, L1 apresenta determinado assunto e, pretendendo que essa afirmação se torne válida em termos acadêmicos, insere a voz de outro locutor, L2, Marcuschi. Esse é a voz de autoridade competente sobre o assunto e, portanto, esta apresenta um caráter científico ao conteúdo do enunciado.

Para introduzir a voz de L2, L1 utiliza o verbo *dicendi* asseverativo *afirmar*, que apresenta como o conteúdo do dito, como algo certo ou verdadeiro. O verbo *afirmar* é epistêmico asseverativo uma vez que se comporta com o valor semântico de *dizer* + *certeza* (*dizer com certeza*). Nesse sentido, o verbo *dicendi* modalizador epistêmico

asseverativo acaba por confirmar o caráter de engajamento e comprometimento de L1 com o dito de L2, já gerado pelo arrazoado por autoridade.

No trecho que segue, encontraremos um caso de arrazoado por autoridade introduzido por verbo *dicendi* modalizador epistêmico quase-asseverativo sob a forma de estilo direto:

Trecho 02 (A3):

Nesse sentido, a noção, tal como empregada, de gênero de texto designa “espécie de texto” que apresenta “características semióticas mais ou menos identificáveis” (BRONCKART, 2008, p.88.), se coaduna com a definição proposta por Marcuschi (2008), em que:

O gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (p.155)

Vemos que há o discurso de três locutores distintos, no trecho 02. L1, responsável pelo discurso como um todo; L2, Bronckart, relatado em estilo direto, e L3, Marcuschi, também relatado em estilo direto. Pelo fato de o discurso de L2 ter sido introduzido por L1 através de um termo não modalizador – *designa* – deixaremos para analisá-lo posteriormente, pois corresponde ao arrazoado por autoridade por verbo não modalizador sob a forma de estilo direto, analisando nesse momento apenas o discurso de L3. Neste trecho (Trecho 02), L1 apresenta o discurso do outro locutor (L3) em estilo direto, o que poderia implicar em um não comprometimento (Nascimento 2009), mas ainda assim ele se compromete com esse discurso por utilizá-lo como arrazoado por autoridade, uma vez que L1 apresenta a voz do outro para fundamentar cientificamente o seu enunciado. Ou seja, o outro locutor apresenta-se como autoridade sobre o assunto.

No entanto, L1 introduziu o discurso de outro locutor (L3) através do termo *proposta*, que assume o caráter de verbo modalizador epistêmico quase-asseverativo, *propor*. Ao utilizar este termo, L1 não se compromete totalmente com o valor de verdade do discurso do outro, uma vez que não o apresenta como algo certo; verdadeiro; comprovado; constatado; mas como uma proposta, ou seja, um projeto, uma sugestão.

Vejamos, agora, um caso de arrazoado por autoridade introduzido por verbo *dicendi* modalizador epistêmico avaliativo sob a forma de estilo indireto:

Trecho 03 (A1):

Em especial, destacam-se os estudos sobre a conjunção, visto que, *bem* como ênfatizam Gonçalves et al (2007), é uma classe de palavra sujeita à constante mudança na língua, e, portanto, rica para os estudos de gramaticalização.

Vemos, no trecho 03, que há a presença de dois locutores, L1 – o locutor responsável pelo enunciado como um todo – e L2 (doravante Gonçalves) e que L1 apresenta o discurso de L2, introduzindo-o a partir de um verbo modalizador avaliativo, *ênfatizar*. L1 avalia o discurso de L2 como algo enfático, ou seja, que possui ênfase. Além

de avaliar o discurso de L2 mediante o modalizador avaliativo, L1 ainda insere um advérbio – *bem* - que interfere semanticamente no verbo modalizador *ênfatizar*, acentuando ainda mais o caráter avaliativo do modalizador. Ou seja, o discurso de L1 não só é apresentado como enfático, mas como consideravelmente enfático, isso por causa do advérbio *bem* – que L1 insere em seu discurso para introduzir o discurso do outro. Com isso, L1 se porta favorável ao discurso de L2.

Os dois trechos a seguir são casos de arazoado por autoridade introduzidos por verbos *dicendi* não modalizadores sob a forma de estilo direto e estilo indireto, respectivamente:

Trecho 04 (A3):

Nesse sentido, a noção, tal como empregada, de gênero de texto *designa* “espécie de texto” que apresenta “características semióticas mais ou menos identificáveis (BRONCKART, 2008, p.88.), se coaduna com a definição proposta por Marcuschi (2008), em que:

O gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (p.155)

Este trecho apresenta três locutores distintos: L1, o locutor responsável pelo enunciado como um todo; L2, Bronckart, que é responsável pela primeira citação em estilo direto entre aspas; e L3, Marcuschi, responsável pela última citação também em estilo direto, mas com o recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor e espaçamento simples (de acordo com a regra da ABNT). Essa última citação foi analisada anteriormente, mas agora consideremos apenas a primeira citação, correspondente ao discurso de L2 – Bronckart, citação em estilo direto.

Nesse trecho, L1 introduz o discurso de L2 com um verbo *dicendi* não modalizador, *designar*. Ao inserir um verbo *dicendi* pertencente ao grupo dos não modalizadores, L1 apenas introduz o discurso de L2, indicando o ato de fala proferido pelo segundo locutor, qual seja uma designação, e sem emitir qualquer posicionamento com relação a este dito.

Trecho 05 (A1):

Buscando ampliar a noção de gramaticalização, Givón (1979), linguista funcional norte-americano, sem desprezar as ideias defendidas anteriormente pelos teóricos citados, *introduz* a noção do discurso como um fator que influencia o desenvolvimento de estruturas e categorias gramaticais, e é com base nessa definição, já explicitada inicialmente, que esse estudo será feito.

No trecho 05, L1 – locutor responsável pelo Projeto – apresenta a voz de outro locutor, L2, em forma de estilo indireto, a fim de que seu enunciado apresente fundamento científico, já que L2 é autoridade sobre o assunto. L1 introduz o discurso de L2, Givón, informando, inclusive, que esse é um “linguista funcional norte-americano”, reforçando ao interlocutor a autoridade que L2 possui sobre o conteúdo abordado. Ao abordar o dito de L2 em forma de arazoado, L1 se engaja com L2; no entanto, L1 introduz o discurso do outro a partir de um verbo *dicendi* não modalizador, *introduz*, que não assinala nenhum

juízo ou posicionamento do primeiro locutor com relação ao dito do segundo locutor.

Os verbos apresentados nos trechos 04 e 05 pertencem ao que Nascimento (2009) classifica como primeiro grupo, os não modalizadores, ou seja, aqueles em que L1 apresenta o discurso de L2 sem deixar marcas de avaliação, ou seja, sem apresentar nenhum juízo, nenhum comprometimento, ou nenhum afastamento com relação ao dito do segundo locutor.

É possível perceber que, tanto no trecho 04 quanto no trecho 05, apesar de os verbos *dicendi* apresentarem-se como não modalizadores, o caráter de comprometimento e de engajamento do dito de L1 com relação ao dito de L2 se mantém, em razão do discurso relatado ser um caso de arrazoado por autoridade. Em outras palavras, L1 se engaja com o discurso de L2 por utilizá-lo como a voz de autoridade sobre o assunto e, desta forma, compromete-se com o dito do segundo locutor. Isso ocorre tanto no caso do discurso em estilo direto (trecho 04) quanto no em estilo indireto (trecho 05).

5. Considerações finais

A partir da análise do *corpus*, percebemos que o arrazoado por autoridade, seja em estilo direto, seja em estilo indireto, possui sempre o mesmo funcionamento semântico-argumentativo, no gênero investigado: O locutor responsável pelo discurso como todo (L1) apresenta e usa a voz de outros locutores (L2, L3 etc.) como uma autoridade no assunto, engajando-se com a voz alheia (da autoridade).

A análise dos dados ainda permitiu-nos comprovar que o gênero acadêmico Projeto de Pesquisa de TCC é polifônico, por natureza, em razão das recorrentes marcas de polifonia de locutores, em especial do arrazoado por autoridade, funcionando, conjuntamente, com os modalizadores discursivos. Nesse sentido, também confirmamos que a modalização discursiva é uma estratégia argumentativa presente neste gênero de texto, gerando diferentes efeitos de sentido.

Com base na função sócio discursiva do gênero, podemos afirmar que as marcas de polifonia presentes no Projeto de Pesquisa de TCC, mais especificamente o arrazoado por autoridade, podem ser justificadas pelo fato de o locutor responsável pelo texto (L1) necessitar introduzir a voz da ciência, no seu discurso, com a pretensão de convencer o seu interlocutor de que o conteúdo temático nele apresentado é significativo para o meio acadêmico/científico e, mais especificamente, para a investigação a que se propõe o referido projeto. Em razão disso, L1 insere a voz da autoridade, constituída no próprio universo acadêmico, em seu discurso, demonstrando, em alguns casos, juízos de valor perante ela.

No que se refere à ocorrência dos fenômenos argumentativos investigados nas diferentes partes composicionais do gênero, percebemos que esses fenômenos apareceram na introdução; metodologia; justificativa e referencial teórico, ou seja, partes em que o

locutor responsável pelo texto necessita argumentar a fim de convencer o seu interlocutor de que seu projeto de estudo tem relevância para o meio científico acadêmico. Desta maneira, os textos aqui analisados (Projetos de Pesquisa de TCC) apresentaram-se ricos em estratégias polifônicas sob a forma de arrazoado por autoridade e em estratégias modalizadoras.

Além disso, observamos que o arrazoado por autoridade não se apresenta, necessariamente, em concomitância com a modalização discursiva e, nesse sentido, não há nenhuma alteração em seu funcionamento discursivo, qual seja a utilização do discurso alheio, como autoridade constituída, gerando credibilidade ao discurso do locutor responsável pelo discurso. Mas verificamos que, nos casos em que há o arrazoado por autoridade funcionando em conjunto com a modalização discursiva, diferentes efeitos de sentido podem ser acrescentados, tais como a avaliação da voz alheia (da autoridade), a confirmação do comprometimento com o dito do outro (da autoridade).

Assim, foi possível verificar que o arrazoado por autoridade constitui-se em uma característica linguístico-discursiva do gênero Projeto de Pesquisa de TCC. No que se refere à modalização discursiva, apesar de não ter a mesma recorrência do arrazoado por autoridade, essa contribui com a caracterização linguístico-discursiva do gênero, já que atua, em alguns casos, em conjunto com o arrazoado por autoridade, estabelecendo graus de argumentatividade nos enunciados.

No *corpus*, verificamos que estes graus de argumentatividade foram materializados nos arrazoados por autoridades a partir dos modalizadores epistêmicos asseverativos, epistêmicos quase-asseverativos e avaliativos, estabelecendo diferentes graus de comprometimento, certeza e avaliação.

6. Referências

BAKHTIN, Milhail Mikhailovitch. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. (1ª edição 1992). Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 262-306.

CASTILHO, A.T.; CASTILHO, C.M.M. de. Advérbios modalizadores. IN: ILARI, Rodolfo (org.) **Gramática do português falado**. Vol. II: Níveis de Análise Linguística. 4ª edição revista. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. ver. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DIEZ, Carmem Lúcia Fornari; HORN, Geraldo Balduino. **Orientações para elaboração de projetos e monografias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Tradução por Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes. Tradução de Le dire et le dit. 1987.

_____. **Polifonia y argumentacion.** Universidade del Valle - Cali. 1988.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KOCH, Ingedore. G. Villaça. **Argumentação e linguagem.** 13. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Argumentação e linguagem.** 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de A.. **Técnicas de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MOTTA-ROTH, Désirée; RABUSKE, Graciela, H.. Projeto de pesquisa. In: **Produção textual na universidade.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 51-63.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira. **Jogando com as vozes do outro: argumentação na notícia jornalística.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

NASCIMENTO, E. P. do; SILVA, J. M. da. O fenômeno da Modalização: estratégias semântico-argumentativa e pragmática. In: NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do (org.). **A argumentação na redação comercial e oficial:** estratégias semântico-discursivas em gêneros formulaicos. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012, p. 63 – 100.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.